

*O morto, a louca e o  
advogado*

**Renata Soltanovitch**

## *O morto, a louca e o advogado*

Este conto foi escrito há muitos anos e decidi republicá-lo em meu site neste ano de 2026. Por se tratar apenas de uma obra de entretenimento, sem fins financeiros, optei por ceder os direitos autorais desta versão à Santa Casa de Misericórdia - [santacasasp.org.br/outras-doacoes](http://santacasasp.org.br/outras-doacoes) – localizado a Rua Dr. Cesário Mota Junior, 112 – Vila Buarque CEP 01221-020 – São Paulo/SP

Isso significa que, se este texto lhe proporcionar diversão, convido você a visitar o site oficial da Casa Ninho ([www.santacasasp.org.br](http://www.santacasasp.org.br)) e oferecer algum tipo de contribuição para apoiar o trabalho deles.

Boa leitura!

## *O morto, a louca e o advogado*

Maria era uma jovem senhora que, em decorrência de sua loucura, aparentava avançada idade.

Seu dia iniciava e terminava no quarteirão da igreja.

Alguns dias, ela passava gritando palavras desconexas e em outro falando frases sem sentido.

Recebia alimentação dos transeuntes. Porém, raramente sentia fome. O único alimento que conseguia engolir era a sopa que lhe oferecia à noite, por um grupo de voluntários que transitava naquele lugar.

Durante o dia, naquele corre-corre, ninguém prestava atenção em Maria. Exceto Elias – aquele mesmo criminalista do passado – que tentava entender o que ela dizia.

Por várias vezes foi conversar com ela, e por diversas vezes foi agredido.

Elias não era um homem nem bom, nem mal. Era apenas perturbado. Um pouco menos que Maria, é verdade. Mas insistente, queria conseguir compreender sua história para poder ajuda-la.

Maria era uma mulher muito rica. Sem filhos e solteira, herdou de seus pais uma fortuna incalculável. O patrimônio pertencia a ela e sua irmã Amélia.

Sensitiva, Maria, antes de enlouquecer, aprendeu a ler borra de vinho, ao contrário de suas companheiras que faziam a leitura da borra de café.

Vinhos caros para bons clientes. Acertava tudo o que via. Só não conseguiu acertar seu futuro para prevenir sua loucura.

Já sua irmã Amélia tinha quatro irritantes filhos, todos maiores de idade, e um marido agressor que, por conta do regime de casamento de união total de bens, era detentor da metade da sua fortuna. O maior objetivo dele era que as duas morressem.

Primeiro ele queria a morte de Maria, para justamente Amélia, na qualidade de única parente, herdar tudo, pois ele sabia da inexistência de qualquer outro herdeiro. Com isto, ele, que facilmente manipulava seus filhos, passaria a administrar todos os bens, com o objetivo de viajar o mundo e poder curtir suas inúmeras amantes, sem correr o risco de ser processado sob o fundamento da lei Maria da Penha, justamente por agredir sua esposa.

Justamente por ser um manipulador, facilmente convenceria Amélia há não ajudar a irmã, pois ela, nas ruas, logo seria vítima de um maluco qualquer que põe fogo nos mendigos, enquanto eles dormem na rua.

Com um mundo violento e desleixado, Maria não duraria muito e maluca, como estava, não iria conseguir fazer nenhum tratamento. Estava perfeito para ele, pois conseguiria administrar, inclusive, os bens dela, por conta de uma procuração pública outorgada no passado, sem prazo de validade, e que ela nem mesmo se lembrava de revogar.

Mas Elias – o criminalista do passado – decidiu ajudar Maria e procurar saber o que a deixou daquele jeito.

O que chamava atenção de Elias era o fato de Maria rodear sempre a Igreja da Sé, aos berros.

Quando conseguiam tirá-la de lá para se banhar e trocar suas roupas, não demorava muitos dias e lá estava ela de volta, aos arredores da igreja.

Depois de muitos gritos e uma espera de semanas de lucidez, Maria finalmente conseguiu dizer algo para Elias.

O que, de fato, enlouqueceu Maria foi uma paixão platônica pelo Padre Jeremias.

Tão jovem quanto ela em épocas remotas, Jeremias era um homem culto, bom e decidido em sua entrega. Seu objetivo único era servir os outros através da igreja. Lugar em que se sentia seguro.

Maria, por sua vez, bela e muito rica, ajudava financeiramente a Igreja. Mais precisamente os projetos do Padre Jeremias.

O contato de ambos era diário, embora o padre sempre mantivesse a respeitabilidade de sua escolha.

Os anos foram passando e a fidelidade de Jeremias com sua própria conduta, ou melhor, escolha, nutria em Maria a fidelidade de um amor.

Maria e sua irmã Amélia foram criadas em um lar violento, em que pese sua excelente condição financeira. A mãe, uma omissa que apanhava do marido, que translucado pelo dinheiro da família dela,

muitas vezes se sentia, em seu íntimo, humilhado e descontava nela e nas filhas.

As agressões eram diárias. Portanto, Amélia casar com um agressor, era em razão do que via em casa.

Maria, por sua vez, escolheu a solidão e o amor platônico.

Embora Jeremias nunca correspondesse este amor platônico, sempre acentuava sua atenção a ela, pois ela era sua “ovelha preferida no rebanho da paz”, como sempre dizia.

Isto era o suficiente para Maria, até porque Jeremias, como um Padre desceite que era jamais a trairia, pois não se envolveria com ninguém.

Neste meio tempo, Maria foi vítima de estupro de seu próprio cunhado que, um dia, como habitualmente bêbado, invadiu sua casa. Porém, envergonhada, decidiu não contar nada a ninguém, nem mesmo a sua irmã, que nutria um medo surreal de seu marido.

Com o tempo, o estupro virou gozo consentido, na medida em que seu cunhado a convenceu de suas semelhanças físicas com Jeremias, deixando-se ser chamado assim, como forma de manter suas relações sexuais com Maria.

Até a missa pregada por Jeremias seu cunhado passou a frequentar para dizer à Maria palavras repetidas. Foi assim que conseguiu a tal procuração.

Maria se sentia dividida entre o bem e o mal. O certo e o errado. A culpa e pureza do amor. Isto confundia sua mente, a ponto de

procurar ajuda psiquiatra para tentar se livrar do vício do pecado, reincidente na transa com o cunhado e no amor de um padre.

Os anos se passaram e Maria administrava aquela paixão à base de remédios, até que um dia Jeremias ficou muito doente.

Inexplicavelmente uma doença mental o atingiu e Jeremias passou cometido a dias de loucura e outros de plena lucidez.

Seria como uma dupla personalidade atingisse um homem culto, equilibrado de uma insensatez sem precedentes.

Eram nestes momentos de loucura que Jeremias declarava seu amor por Maria, fazendo com que ela transmudasse sua culpa com que se envolveu com o cunhado, que se passava por ele, se vestindo da mesma forma e verbalizando aquilo que escutava em seus sermões.

Maria visitava Jeremias no convento ligado a Igreja diariamente, passando horas a fio dedicando a ele cuidados exclusivos.

Nos momentos de loucura, Jeremias pedia que o levasse para a casa dela, para que pudessem fazer amor e recuperar o tempo perdido. Já nos momentos de lucidez, rezava com Maria e explicava as letras da Bíblia.

Maria não conseguia autorização da igreja para cuidar de Jeremias em sua casa, mesmo com todo o dinheiro que possuía e doava.

Conseguiu um advogado especializado em Direito Canônico para que enfrentasse os poderes da igreja, como na época da inquisição, objetivando retirar Jeremias daquele lugar e cuidar dele, como quis fazer a vida inteira.

Os meses se passaram e Maria foi proibida de entrar no convento, tão logo a igreja foi intimada do processo administrativo.

Surtada, iniciou suas andanças na porta da igreja como protesto, gritando aos quatros ventos sua imensa dor da ausência daquele grande amor.

Dias depois, saudoso de Maria, Jeremias faleceu e seu velório, pelos mandamentos daquela igreja, ocorreria aberto ao público, com ele trajado com sua última vestimenta em dia de sermão, sentando na sua grande cadeira, recebendo suas próprias condolências.

Aquilo foi demais para Maria.

Seu surto final ocorreu no momento em que viu seu amado, morto, de olhos serrados e sentado no púlpito da paróquia.

Seu corpo estava frio, rígido, pálido, em total tristeza, como se perdido um grande amor, sem poder ver Maria no leito de sua morte.

Sem se conter por estar surtada, Maria invadiu o altar e abraçou o corpo morto de Jeremias e precisaram de três padres e cinco seguranças para removê-la de lá. Com sua força, os ossos do corpo de Jeremias foram quebrados e seu corpo se desmilinguiu.

O velório foi imediatamente suspenso e Maria levada a um hospital. Medicada, foi liberada e retornou aos cantos da igreja já fechada, de onde nunca mais saiu.

Nem mesmo a boa vontade de Elias – o criminalista do passado – devolveu Maria à paz merecida da complacência de um amor perdido.

Embora a história tenha sido descoberta por Elias, Maria costumava perambular pela igreja, gritando suas juras de amor para Jeremias que, com ajuda de Elias, tenta recuperar a sanidade mental da amada ou trazê-la para seus braços, do outro lado da vida.

FIM !!!!!